

## OS DISCURSOS IMAGÉTICOS NA FOTOETNOGRAFIA: REFLEXÕES METODOLÓGICAS DE UMA PESQUISA COM CAMINHONEIRAS

*Imagetic discourses in photo-ethnography: methodological reflections on a research with  
female truck driver*

Julice Salvagni<sup>1</sup>

Marília Veríssimo Veronese<sup>2</sup>

Renato Koch Colomby<sup>3</sup>

Cibele Cheron<sup>4</sup>

<http://dx.doi.org/10.52641/cadcaj.v7i1.654>

**Resumo:** Chamamos ‘caminhoneiras’ as mulheres que, além de serem motoristas de caminhão, optam por trabalhar com rotas longas. A carona foi constituinte de uma pesquisa fotoetnográfica que teve a participação ativa da pesquisadora nas viagens, para compreender as caminhoneiras enquanto locutoras de uma realidade social a ser descortinada, através da observação participante. A fotografia teve papel central na produção das narrativas de mulheres que exercem uma profissão considerada masculina, no sentido de ser algo incomum às práticas laborais femininas. Com esta pesquisa pudemos repensar, através da análise imagética, os elementos teóricos que auxiliaram a compreender a vida itinerante das caminhoneiras. Abordamos alguns aspectos das identidades/performances de gênero no trabalho, bem como os conceitos de lugares e não-lugares de Marc Augé.

**Palavras-chave:** caminhoneiras, fotoetnografia, identidade, não-lugares.

**Abstract:** The women who, in addition to driving a truck, choose to work with long routes are called truck drivers. The ride was part of a photo ethnographic research that had the active participation of the researcher in the trips, to understand the truck drivers as narrators of a social reality to be unveiled, through participant observation. Photography played a central role in the production of narratives of women who exercise a profession considered male, in the sense of being something unusual for female labor practices. With this research, we were able to rethink, through image analysis, the theoretical elements that helped to understand the itinerant life of

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta no Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na área de Estudos Organizacionais. Doutora em Sociologia (UFRGS). E-mail: [julicesalvagni@gmail.com](mailto:julicesalvagni@gmail.com) / <https://orcid.org/0000-0002-6334-0649>

<sup>2</sup> Professor Titular I da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), sendo coordenadora do grupo de pesquisa em Economia Solidária e Cooperativa (ECOSOL). Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: [mariliav@unisinobr.br](mailto:mariliav@unisinobr.br) / <https://orcid.org/0000-0002-3618-7079>

<sup>3</sup> Doutor e Mestre em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) tendo como área de concentração Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho. Professor do Instituto Federal do Paraná – IFPR. Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho, Organizações e Pessoas. E-mail: [renato.colomby@gmail.com](mailto:renato.colomby@gmail.com) / <https://orcid.org/0000-0002-5013-6913>

<sup>4</sup> Professora Colaboradora e Bolsista de Pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil. Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: [iccibele@gmail.com](mailto:iccibele@gmail.com) / <https://orcid.org/0000-0003-3501-5248>

female truck drivers. We approach some aspects of gender identities/performances at work, as well as Marc Augé's concepts of places and non-places.

**Keywords:** female truck drivers, photo-ethnography, identity, non-places.

## 1. INTRODUÇÃO



(Fotografia de Diário de campo da pesquisa)

O artigo aborda as potencialidades da fotoetnografia, a partir de uma experiência de pesquisa realizada com caminhoneiras, no estado do Rio Grande do Sul, entre os anos de 2013 e 2015. O tema das mulheres caminhoneiras, ao mesmo tempo em que reúne discussões acerca das temáticas de trabalho e de gênero, aborda os elementos identitários que derivam de papéis sociais que integram uma ação performática e política (SALVAGNI, 2020). Neste sentido, a *caminhoneira* é a mulher que, além de ser motorista de caminhão, opta por trabalhar com rotas longas e, assim, vive na estrada por um longo espaço de tempo. Para tanto, são motoristas que se propõem a percorrer grandes distâncias, ficando na estrada por volta de 30 a 40 dias, dormindo e alimentando-se no próprio caminhão. Por essas e outras razões, segundo elas, trata-se ainda de uma atividade profissional com pouca participação feminina. Os “colegas de profissão” são quase todos homens (SALVAGNI, 2020).

Pegar uma carona na *boleia*, na linguagem da estrada, significa fazer parte da viagem da caminhoneira, pegar uma carona com ela, já que na linguagem popular a *boleia* expressa o espaço do caminhão, seja na cabine ou na caçamba, onde os viajantes podem pleitear uma vaga temporária, para um destino por vezes incerto. A carona, o acompanhar a viagem com a trabalhadora foi atividade central para constituir o *corpus* de pesquisa. Essa participação ativa nas viagens das caminhoneiras, observando-as como protagonistas e locutoras de uma realidade a ser descoberta, foi central na pesquisa que serve de base para a reflexão empreendida neste texto.

Por sua vez, os itinerários de viagem são pensados a partir da noção de lugares e não-lugares de Augé (1994, 1999). A transitoriedade característica da ocupação de caminhoneira nos faz relacionar este modo de viver com os conceitos de estigma (GOFFMAN, 1988), por se tratar de

uma profissão predominantemente masculina – no sentido de ser algo incomum à prática laboral das mulheres.

A escolha por uma etnografia alicerçada por Augé (1994, 1999) ou, mais precisamente, por uma fotoetnografia (ACHUTTI, 2004), permite-nos problematizar a atividade da caminhoneira em conjunto com a trabalhadora e com seus colegas de profissão, desvelando, através de um procedimento de tradução<sup>5</sup>, elementos que são inerentes às relações de poder existentes no universo dessa atividade. A construção dessa narrativa composta por discursos verbais e imagéticos nos possibilitou visualizar aspectos inerentes ao trabalho da caminhoneira.

Além da *carona*, para a coleta de dados da pesquisa houve a produção intensa de diários de campo, entrevistas com caminhoneiras afastadas da profissão e observações de campo na Associação dos Motoristas de Garibaldi. Para a análise dos dados decorrentes de entrevistas, utilizamos a análise de conteúdo proposta por Bardin (1995), uma das ferramentas que nos permite uma compreensão de cunho semântico – ou relativo ao sentido daquilo que advém da fala das caminhoneiras. Contudo, neste trabalho enfocaremos o processo da fotoetnografia, procurando problematizar uma narrativa imagética como forma de compreensão sociopsicológica dos processos sociais que se estabelecem a partir das relações de trabalho das caminhoneiras.

## 2. SOBRE A *CARONA*: MODALIDADE DE PESQUISA COM USO DE IMAGEM



(Fotografia de Diário de campo da pesquisa)

Através de pesquisa qualitativa buscamos compreender a realidade das caminhoneiras e traçar os aspectos constituintes das suas produções identitárias na relação com gênero e trabalho. Este posicionamento diz respeito ao constructo que declara que “a realidade é construída socialmente e que a sociologia do conhecimento deve analisar o processo em que este fato ocorre” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.11). Sendo assim, a realidade das caminhoneiras pode ser percebida como uma “qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos terem um ser independente de nossa própria volição (não podemos ‘desejar que não existam’), e definir

<sup>5</sup> Expressão desenvolvida por Boaventura de Sousa Santos (2006).

‘conhecimento’ como a certeza de que fenômenos são reais e possuem características específicas” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.11). Se o/a leitor/a estivesse lendo este texto no processador de texto Microsoft Word, notaria que a palavra “caminhoneira” fica sublinhada em vermelho, um alerta de erro é emitido pelo software. Quando clicamos em cima, o corretor indica que o correto é “caminhoneiros”, acrescentando a definição “choferes, motoristas de caminhão”. Ou seja, não há, no dicionário do programa, a palavra que define pessoas do sexo feminino exercendo essa profissão, o que já é revelador do imaginário que ela produz; tratar-se-ia de uma palavra por definição no masculino.

Entendemos, contudo, que a realidade da caminhoneira se constitui através das relações sociais híbridas, efêmeras, transitórias, seja nas relações simbólicas de poder que se constroem a partir do encontro com o outro, seja na representação desta mulher diante da sociedade de modo geral ou para si mesma, seja naquilo que performatiza. Dessa forma,

[...] toda a ação do pesquisador sobre o real, a partir do momento em que propõe uma pesquisa, significa desencadear uma sequência de abstrações cujo caráter isoladamente encontra sua validade no fato de constituir uma etapa para descobrir o que se oculta sob o imediatismo da evidência empírica. (QUEIROZ, 1991, p.90).

Buscamos uma realidade que é momentânea, específica e constituída através das relações sociais. Entendemos realidade como algo fluído e instável, que ganha sentido nos processos de interação. Ao delimitar o *corpus* da pesquisa, partimos da premissa de que “o mundo social não é um dado natural, sem problemas: ele é ativamente construído por pessoas em suas vidas cotidianas, mas não sobre as condições que elas mesmas estabeleceram” (BAUER; GASKELL, 2003, p.65).

A apropriação do que entendemos pela realidade das trabalhadoras pode ser descortinada através da análise em profundidade dos dados coletados. A pesquisa é uma possibilidade de compreender os diversos fatores sociais que estão relacionados com as vivências e simbologias (individuais e coletivas) das caminhoneiras. Ali, através das discussões provocadas pela pesquisadora, é possível ver constituído um espaço subjetivo que é representativo da situação atual dessas mulheres.

O método “traz consigo um conjunto de pressupostos sobre a realidade, bem como um instrumental, composto por uma série de conceitos, pelo treinamento do olhar e por técnicas de observação da realidade” (VÍCTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000, p.33); em outras palavras, uma dimensão epistemológica (filosófica, pressupostos relativos ao conhecimento) e uma metodológica (procedimentos, ferramentas de pesquisa).

Conforme já dito, a coleta de dados deu-se através de um estudo etnográfico cujo objetivo é promover a imersão do pesquisador ao universo empírico, que é a ‘estrada’ enquanto local de trabalho, a ser descoberto, e “interpretar a interpretação que outros fazem da categoria do outro” (AUGÉ, 1994, p.27); ou seja, buscamos observar as performances de gênero presentes na elaboração identitária das caminhoneiras em relação a seu espaço de trabalho.

O que o etnógrafo descobre, à primeira vista, “não são as culturas, mas as sociedades, quer dizer, conjuntos organizados e hierarquizados onde as noções de diferença e de alteridade têm um sentido” (AUGÉ, 1999, p.19). Contudo, até mesmo tais diferenças não se dão de maneira unívoca, já que há múltiplas diferenças no que se diz e se faz, além de tudo o que não é dito ou se reproduz de modo plural em distintos espaços da sociedade. Assim, é tarefa do etnógrafo a análise dessa teia social que “transcende o cultural mesmo quando o cultural é concebido de maneira muito substantivista” (AUGÉ, 1999, p.21).

### 3. OS RUMOS DA *CARONA*: PRODUZINDO E ANALISANDO DADOS DE PESQUISA



(Fotografia de Diário de campo da pesquisa)

Para a coleta de dados pegamos carona com quatro caminhoneiras em suas viagens pelo país, sendo possível vivenciar, por meio da observação participante, os aspectos práticos e subjetivos do trabalho dessas mulheres. Participaram da pesquisa um total de 14 caminhoneiras, três caminhoneiros (os maridos de algumas delas) e foram feitas ao todo 22 entrevistas, ao longo dos três anos da coleta de dados. A fotoetnografia, contudo, foi composta de modo associado a outras estratégias de pesquisa, contemplando um leque investigativo que buscou dar sentido às trajetórias dessas mulheres no trabalho que exercem. A experiência, portanto, também foi registrada em diários de campo escrito ou gravado, além das fotografias que nos serviram para compor corpora de dados para a análise posterior (BAUER; GASKELL, 2003). Ou seja, a fotoetnografia é “uma das formas de etnografia que utiliza a fotografia como meio de penetrar,

apreender e relatar (no sentido de narrar) a cultura e os valores” (ACHUTTI; HASSEN, 2004, p. 287)

O debate acerca das implicações éticas da pesquisa fotoetnográfica pode vir a ser, na nossa compreensão, um impasse para esse método. As fotos apresentadas neste estudo foram selecionadas intencionalmente com a finalidade de não expor o rosto das participantes. Ainda que tenhamos tido um consentimento verbal de todas as caminhoneiras, optamos por não as fazer assinar um termo por escrito, já que esse documento poderia interferir na relação de informalidade que estava colocada. Assim, se por um lado a etnografia se trata de uma forma de vinculação com as pessoas e grupos pesquisados, permitindo que o pesquisador faça uma verdadeira imersão ao campo, por outro, a condição de formalizar a captura de imagens para serem publicadas poderia impor o estranhamento de uma burocracia a uma relação que se previa espontânea e amigável.

É claro que consideramos de suma importância o cuidado com as dimensões éticas da pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais, no sentido de não expor os depoentes e suas histórias. No entanto, levantamos aqui um ponto ao debate, que é o de ponderar as possibilidades ao uso das imagens nas pesquisas científicas, buscando conciliar o respeito à exposição dos sujeitos pesquisados sem deixar de comunicar as imagens que sejam efetivamente relevantes aos resultados dos estudos. Neste sentido, podemos considerar que ainda que os sujeitos estejam de acordo com o uso de suas imagens, há uma quebra do anonimato do respondente, o que pode lhe trazer prejuízos de diferentes ordens, especialmente de acordo com a natureza da pesquisa.

No caso das caminhoneiras, elas não só aceitaram o fato de estarem sendo fotografadas, como ainda pousavam para fotos e pediam alguns cliques específicos. As fotos foram enviadas a todas elas por e-mail, o que fortaleceu ainda mais a relação de pesquisa estabelecida, especialmente aos encontros seguintes. Tal prática também é conhecida como “fotoentrevista”, que é “uma técnica que implica usar, em visitas sucessivas, as fotografias já tiradas como meio de propor e/ou balizar novas entrevistas e, com isso, ao mesmo tempo em que se vai aprofundando o trabalho, vai-se fazendo a restituição dos dados” (ACHUTTI; HASSEN, 2004, p. 287).

Além disso, usamos a técnica de entrevista de história de vida das trabalhadoras que deixaram a profissão pelos mais variados motivos, análise documental e observação de reuniões na Associação dos Motoristas de Garibaldi (AMG). Para a coleta de entrevistas narrativas, participaram da pesquisa um total de 14 caminhoneiras, três caminhoneiros (entre os maridos delas que seguiam a profissão), tendo sido feitas ao todo 22 entrevistas ao longo dos três anos. A produção constante de diários de campo e a utilização de dados sociodemográficos nos possibilitaram ter uma ideia mais ampla do trabalho das caminhoneiras.

As fontes iconográficas (fotografias e vídeos do trabalho da caminhoneira produzidas na *carona* ou em demais momentos da pesquisa) permitiram o acesso às representações que se produzem sobre o trabalho exercido e não servem apenas como material de ilustração. “É possível construir o caráter subjetivo das vivências oriundas da relação com o trabalho, uma vez articuladas e verbalizadas nos diferentes discursos, atribuindo-lhes significados” (TITTONI, 1994, p.39).

Entendemos que essa composição metodológica busca romper sutilmente com as fórmulas de pesquisa social, se adequa a pensar a complexidade e a multidisciplinariedade da temática escolhida. Para que os contornos de elaboração identitária possam ser traçados, é preciso usar de certa ousadia, compondo uma estratégia investigativa e analítica que permita a visualização dos pormenores, destacando as entrelinhas subjetivas das tensões das identidades, compreendidas em sua interlocução com as categorias gênero e trabalho.

#### 4. DISCURSOS IMAGÉTICOS: UMA NARRATIVA FOTOETONOGRÁFICA



(Fotografia de Diário de campo da pesquisa)

A fotografia não era muito comum entre certos grupos sociais como os camponeses, por exemplo, o que foi observado por Bourdieu e Bourdieu (2006). Entre os/as motoristas de caminhão, a prática tampouco é constituída como algo embutido no cotidiano, ainda menos com um suposto sentido artístico. As possibilidades de mudança na vida das pessoas comuns, com o advento dos aparelhos celulares, hoje em sua maioria equipados com câmeras fotográficas de boa qualidade, são inúmeras. De todo modo, nem todos que hoje fazem uso de aparelhos como esse se aproximam do uso da fotografia como meio de expressão pessoal. Isso é visível nas concentrações de exposições fotográficas, por exemplo, que continuam nos mesmos lugares elitizados de sempre e incluem o mesmo público intelectualizado, com raras exceções.

Neste sentido, não é automático que a câmera digital e o acesso à publicação fotográfica nas redes sociais possam ter alterado a relação de todas as pessoas com a imagem. O bombardeio imagético pode ser invisível ao olhar menos atento, pela própria massividade de informação.

Buscamos, assim, uma imagem que ocupe um espaço discursivo de destaque, mas que, ao mesmo tempo, destaque algo que é comum, rotineiro e relativo à vida cotidiana.

O uso da fotografia, portanto, segue tendo para a maioria das pessoas o propósito de registrar momentos da vida em sociedade. E mesmo que na atualidade o mundo seja bombardeado não só com a facilidade de produção fotográfica e pela rapidez com que se pode propagar as imagens através das redes sociais, os registros continuam sendo referentes aos encontros que se produzem no meio social e sob a proposta de um registro. Esta forma fotográfica, apesar de interessar ao olhar curioso que dispensamos às motoristas de caminhão, não é nosso foco para este estudo, até porque as caminhoneiras com quem contatamos se encaixam bem na descrição do uso do recurso fotográfico apenas como registro do encontro familiar ou social.

Com o uso da fotografia, pretendemos a captura de imagens em paralelo com o desenvolvimento da etnografia, tornando a pesquisa propriamente fotoetnográfica. Ou seja, a fotografia compõe esta pesquisa como parte constituinte do método etnográfico, como uma narrativa que se somará às vivências e às observações constituindo, ao mesmo tempo, um dispositivo para alterar ou provocar novos discursos através da interação. No mais, a fotografia usada como dispositivo de linguagem acadêmica cria a possibilidade de maior propagação dos estudos através do uso indiscriminado destas narrativas imagéticas. Por isso, asseveramos que a fotografia representa uma facilidade no sentido de fazer com que o trabalho acadêmico transite não só nas outras áreas de conhecimento que não as Ciências Sociais, mas também entre o público leigo que venha a se interessar pelo tema, ajudando a fazer divulgação científica para um público mais amplo, habituado à linguagem fotográfica mais do que à textual.

Bourdieu e Bourdieu (2006, p.33) destacam uma questão interessante quanto à importância social da fotografia, nas mudanças sociais que vai provocando, ao popularizar-se. Por exemplo, segundo os autores, “à medida que a sociedade dedica mais atenção às crianças e, dessa forma, às mulheres enquanto mães, o hábito de tirar fotografias de crianças aumenta”. Tal prática ocorre conjuntamente com as transformações da família e suas representações, que vai paulatinamente ficando mais centrada nas crianças do que nos adultos (JOVCHELOVITCH, 2008).

Já desenvolver academicamente uma narrativa imagética, que contemple a tendência de uma cultura visual, nos parece ainda acompanhar as transformações da contemporaneidade, em que os recursos visuais são algo intrínseco à realidade das relações sociais. Os meios de comunicação, a propaganda e a internet ajudam a compor uma lógica de apresentação das relações humanas em que a imagem ocupa um lugar de excelência.

Advogamos, portanto, pela criação de uma pesquisa narrativa de ordem interdisciplinar que possibilite às ciências sociais percorrerem esses outros saberes, confundir-se e transformar-se em

conjunto com a arte, especialmente no que diz respeito à produção imagética, para poder contribuir com a manifestação dos discursos dos sujeitos; neste caso, das caminhoneiras. Usamos, então, o conceito cunhado por Achutti (2004) de fotoetnografia, que abre espaço para a fotografia como elemento de composição etnográfico. Desta forma, pretendeu-se:

[...] trabalhar o potencial narrativo da imagem fotográfica, afirmar a sua utilidade na composição de textos visuais como recurso de uma nova forma de escritura específica de que o antropólogo dispõe para falar da realidade. Trata-se de uma nova forma narrativa concebida na perspectiva de uma antropologia interpretativa tendo como uma de suas características a de se oferecer como escrita, ‘construção da construção dos outros’, aos esforços interpretativos do leitor/espectador (ACHUTTI, 2004, p.72).

O trabalho fotográfico aqui trabalhado, contudo, não teve pretensões para além da construção da narrativa. Esse material, que permite visualizar o campo pesquisado e, com isso, criar sua própria leitura das vivências, refere-se à descrição da rotina das caminhoneiras e das ações performativas de gênero e trabalho. Pode abordar, ainda, os aspectos intrínsecos das vivências dessas mulheres em uma atividade de trabalho ainda predominantemente masculina, em que elaboram performances específicas para as vivências cotidianas. Como “proteger-se” do assédio; como manter identidades de mulher e mãe em meio a essas performances; como estabelecer relações com os colegas homens. Pela fotografia, esses elementos, seja do vestuário, dos cenários, do contexto ou da ação, podem ser mais bem capturados e percebidos do que se usássemos apenas as descritivas textuais.

O material fotografado é composto por quaisquer recortes dos momentos vividos na carona, seja na convivência com a motorista, com os demais caminhoneiros ou na relação que se estabelece com os atendentes dos postos de gasolina, das oficinas mecânicas, dos restaurantes ou dos locais de entrega das mercadorias. Também buscamos uma atenção à estrutura dos lugares que compõem o cenário da carona. Entendemos que o ambiente em que a caminhoneira está inserida, com seus símbolos e significados, diz muito a respeito de seu trabalho e nos serve de base para pensar a elaboração da identidade de gênero a partir das e nas relações de trabalho, já que “o que é fotografado, e aprendido pelo leitor da fotografia, não são propriamente indivíduos na sua particularidade singular, mas sim papéis sociais” (BOURDIEU; BOURDIEU, 2006, p.34).

Embora a Antropologia seja a disciplina que mais se ocupe do método fotoetnográfico, propomos trazer esta discussão para a Sociologia, Psicologia e Estudos Organizacionais, sublinhando os aspectos sociopsicológicos ressaltados nesse formato de pesquisa. O estudo de

Cavedon (2005) entende que os estudiosos mais ortodoxos poderão dizer que, ao optar-se por essa perspectiva, corre-se o risco de descaracterizar a construção científica. Contudo, enfatizamos a importância de fazer com que esse método seja difundido em diferentes áreas de pesquisa e produção de conhecimento, inclusive atentando para um olhar interdisciplinar e em direção à complexidade, que se faz indispensável na construção dos saberes no cenário atual.

Assim sendo, entendemos que:

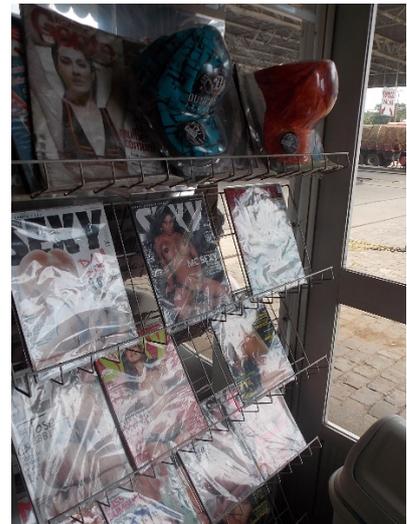
[...] quando uma narração visual que utiliza da fotografia é articulada com um texto escrito que, por sua vez, já alcançou a sua legitimidade, ela só tem a contribuir – da mesma forma que a poesia e a literatura – para enriquecer e facilitar as interpretações dos dados, particularmente quando estes resultam de universos sociais cuja densidade e complexidade crescem a cada dia e nos quais as imagens se impõe cada vez mais como elementos próprios à sociabilidade, como reveladores das diferentes práticas culturais (ACHUTTI, 2004, p.83).

Com a fotografia servindo de apoio à escrita, é possível descrever elementos imperceptíveis pela análise das falas, mergulhando no universo simbólico das representações dos ambientes onde elas foram produzidas. Assim, “fazer parte de uma fotografia é garantir o testemunho da presença” (BOURDIEU; BOURDIEU, 2006, p.37), e nos parece uma ferramenta importante de provocação do reconhecimento do próprio trabalho que está sendo observado. Importa citar que traçamos uma proposta de trabalho que buscou o consentimento livre e esclarecido assinado pelas participantes da pesquisa a fim de garantir que autorizassem o uso das imagens que podem vir a ser utilizadas em publicações acadêmicas. Isso nos levou à necessidade de criar uma relação com a caminhoneira de modo a elucidar os processos pretendidos com a coleta dos dados, para que ela se deixasse fotografar. Este processo pode ser considerado ainda mais invasivo na relação do pesquisador com o pesquisado, uma vez que “ao olhar para a pessoa que olha para mim (ou que me fotografa), ao preparar a minha postura, dou-me para ser visto; dou a imagem de mim próprio que quero dar e, muito simplesmente, dou a minha imagem” (BOURDIEU; BOURDIEU, 2006, p.38).

Fotografar, portanto, é trabalhar com a perspectiva em que se “opera um corte instantâneo no mundo visível e, ao petrificar o gesto humano, imobiliza um estado único da relação recíproca entre as coisas, e pretende o olhar num momento imperceptível de uma trajetória completa” (BOURDIEU; BOURDIEU, 2006, p.39). Falando do uso da fotografia nas pesquisas das Ciências Sociais, esses autores afirmam que, “onde o objetivo é captar o efêmero e o acidental, a fotografia é apropriada, já que não pode captar o aspecto fugaz ao desaparecimento irreversível, sem o constituir como tal” (p.39). Nesta perspectiva, advogamos sobre o uso da fotografia na pesquisa, especialmente pela amplitude de riquezas que o próprio campo oferece. No mais, nos parece que

a combinação entre o fazer arte e o desenvolvimento de conceitos empírico-teóricos seja uma divertida e primorosa oportunidade de olhar para o mundo real.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS



(Fotografia de Diário de campo da pesquisa)

O método delimitado para este estudo, de uma etnografia que envolvesse narrativas que contemplam histórias de vida, fotografias tiradas no decorrer do percurso ou de redes sociais, foi propositivo no intuito de provocar outros encontros da empiria com a teoria, buscando em um rol diverso de coleta de dados. Contudo, acreditamos que discutir as possibilidades dessa abordagem à pesquisa social seja importante ao fazer científico na contemporaneidade. Outros espaços de dialogia como a internet, em sua forma textual ou imagética, por exemplo, estão se constituindo em importantes territórios da ação dos sujeitos e comunidades e já não podem mais ser ignorados nas investigações das Ciências Sociais. Ou seja, a fotoetnografia pode vir a ser mais utilizada em pesquisas que objetivem contemplar diferentes dimensões do objeto pesquisado, com o uso das imagens.

Ao seguir o trajeto de inseguranças, percebemos que a imagem da caminhoneira vai sendo construída para ela mesma e junto com as demais, especialmente nas linhas em que os frutos do trabalho ajudam a tecer uma cadeia de sentidos que justificam e certificam ainda mais sua escolha. Ao andar do caminhão, a mulher vai ganhando força para assumir-se como profissional, obtendo uma renda e se orgulhando daquilo que, segundo elas, muitas não fariam. Reiteramos: muitas não fariam, assim como muitas não fazem, por ser efetivamente uma atividade arriscada, para além de seu estereótipo. Ao elaborar sua identidade sempre inconclusa *com* e na *estrada*, ela passa a perceber

o mundo sob outros prismas: vislumbra um alargamento da fronteira entre aquilo que já conhecia de mundo e o que tem a conhecer e, mais do que isso, conhece a si mesma em suas limitações e possibilidades.

Uma mulher, portanto, ao deslocar-se da casa para trabalhar e viver em uma estrada de incerteza, supõe abdicar, inclusive, de sua própria ‘imagem de mulher’ que lhe foi atribuída desde menina. Ou seja, ela assume um deslocamento de gênero, daquilo que foi renunciado a ela, quando deixa a casa e a noção de ‘família tradicional’, mesmo que momentaneamente, para dar prioridade ao trabalho. No entanto, ainda que jogue o jogo do masculino, assumindo para si condutas e normas que fazem parte desse universo do qual ela quer fazer parte, ainda assim ela busca constantemente, através de seus discursos e ações, demarcar uma identidade feminina, de aparente fragilidade e vaidade, já que estes são os códigos que lhe foram historicamente ensinados a selar e ela os considera parte de quem ela é.

Por um lado, portanto, ela marca aquilo que quer que os outros saibam: que continua sendo mulher; por outro, rende-se à iminência de um ambiente carregado por sentidos masculinos, os quais ela não pode negar sem negar-se a si mesma. Necessita dialogar com eles (sabendo-se esse diálogo sempre tenso, permeado por tensões) para ser aceita e os assume para si; o trabalho a coloca muitas vezes em contato com sujeira (banheiros na estrada, graxa do caminhão, pó), com necessidade de força física e por códigos binários pertencentes ao masculino (revistas de mulher pelada expostas nas “paradas tradicionais”; prescrição de virilidade etc.). Assim, ela opta por marcar-se a si mesma com os códigos deles, performar ‘atitudes masculinas’ para que o trabalho seja feito, para não ser motivo de deboche e discriminação e para mostrar a si mesma sua própria capacidade de superação. Contudo, tanto quando o andar do caminhão a vai tornando ‘mais caminhoneira’, a trajetória de trabalho considerado masculinizado vai fazendo com que siga criando um sentido para si mesma.

Com esta pesquisa, pudemos repensar, em conjunto com a análise imagéticas, os elementos teóricos acerca da identidade a partir das especificidades do objeto empírico, através da análise das vivências da carona. Assim, as fotografias ajudaram a descrever subjetivamente a vida itinerante da caminhoneira, envolvendo a identidade de gênero no trabalho. Isso representa a ruptura que consideramos ser causada pela entrada da mulher em um espaço de trabalho reconhecido pelo social como masculino: há uma quebra da ordem social desses espaços. Neste sentido, há quebras de normas sociais que a própria linguagem escrita, por vezes, pode não alcançar, deixando à fotografia o papel de evidenciar, narrar e surpreender.

Ainda, sobre o lugar de passagem do viajante, consideramos que o anonimato e a solidão presente na atividade da caminhoneira levam a crer que ela poderá não cuidar da aparência tal e

qual quanto na presença de uma pesquisadora portanto uma câmera fotográfica nas viagens. Ou seja, intuímos que a pesquisadora, por ser uma visita ao caminhão, possa ter estimulado nas caminhoneiras determinadas práticas acentuadas de cuidados de si, especialmente por estar registrando por imagens esses momentos. Todas e todos costumamos ter um cuidado redobrado com a aparência quando pousamos para uma fotografia. Mas mais do que isso, supomos que se não fosse esta interferência da pesquisa, possivelmente não usaria maquiagem, mas ela o faz para se mostrar mais feminina, já que supõe, por estar em um ambiente reconhecido como masculino, que pode vir a ser confundida em meio dele. Mais do que isso, ela quer se destacar. Quer mostrar que continuou mulher mesmo dirigindo um caminhão, que pôde anunciar uma forma diferente de fazer seu trabalho, que pôde pintar de batom a lona marcada pelo machismo. Mas, sinceramente, não sabemos o que ela faz quando está sozinha.

Por fim, vislumbramos as caminhoneiras como protagonistas de um confronto/resistência com as normatizações sociais. Muito além de uma forma de trabalho lado a lado com os inúmeros riscos da estrada, essas mulheres estão ressignificando a própria concepção do feminino, reforçando que o lugar da mulher é onde ela quiser. Com isso, os registros imagéticos desta pesquisa podem ser mais do que simples dados empíricos, mas tornar-se documentos que contam por si só a luta das mulheres que dirigem caminhão em contexto em que o machismo estrutural ainda é soberano.

## Referências

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS / Tomo Editorial, 2004.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. Caderno de campo digital: antropologia em novas mídias. **Horizontes antropológicos**, v. 10, n. 21, p. 273-289, 2004.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papius, 1994.

AUGÉ, Marc. **O sentido dos outros**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Porto: Edições 70, 1995.

BAUER, Martin; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BERGER, Peter. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas**: uma visão humanística. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado sobre a Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre; BOURDIEU, Marie-Claire. O camponês e a fotografia. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n.26, p.31-39, jun. 2006.

CAVEDON, Neusa Rolita. Fotoetnografia: a união da fotografia com a etnografia no descortinamento dos não ditos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 12, n. 35, p. 13-27, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber**: representação, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre a sexualidade e a teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

SALVAGNI, Julice. As caminhoneiras: uma carona nas discussões de gênero, trabalho e identidade. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 572-582, Set, 2020.

TITTONI, Jaqueline. **Subjetividade e trabalho**: a experiência no trabalho e sua expressão na vida do trabalhador fora da fábrica. Porto Alegre: Ortiz, 1994.

VÍCTORA, Ceres; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **Pesquisa qualitativa em Saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.